



Milagres & Graças (Vol 1)

Testemunhos da fidelidade de Deus

Autor: GodMakes.com

Relatos de livramento, provisão, transformação e respostas de oração.

Publicação: 15/abr/2026

Introdução

Este livro nasce de um lugar simples, mas profundamente precioso: a comunhão entre irmãos em Cristo que desejam conhecer mais a Deus, se aprofundar na Sua Palavra e viver um relacionamento cada vez mais verdadeiro com o Senhor Jesus.

O GodMakes é formado por pessoas que se reúnem com esse propósito. Mais do que estudar a Bíblia como um exercício intelectual, buscamos meditar nas Escrituras com o coração aberto, permitindo que a verdade de Deus transforme nossa vida, nossa maneira de pensar, nossas escolhas e nossa caminhada diária. É um espaço de devocional, de aprendizado, de edificação, de oração e de crescimento espiritual.

Como fruto dessa caminhada, o Senhor também tem nos permitido ver algo muito bonito florescer entre nós: testemunhos. Testemunhos de livramento, provisão, cura, correção, consolo, transformação e respostas de oração. São relatos que não apontam para a capacidade humana, mas para a fidelidade de Deus. Este livro reúne parte dessas experiências, registrando aquilo que o Senhor tem feito na vida de pessoas comuns, em situações reais, muitas vezes no secreto, mas sempre com graça, misericórdia e poder.

Além dos devocionais e dos testemunhos, o GodMakes também tem sido instrumento de apoio à missão. Hoje, isso acontece de forma especial por meio do acompanhamento de uma frente missionária em Moçambique, com cuidado voltado a crianças que vivem em situação de necessidade, incluindo apoio com alimentação básica, educação infantil e acompanhamento local. Tudo isso é feito de maneira simples, responsável e com transparência, conforme Deus vai dirigindo cada passo.

Nosso desejo é que este livro não seja apenas uma leitura agradável, mas uma oportunidade de aproximação com Deus. Que, ao ler cada capítulo, você seja lembrado de que o Senhor continua vivo, presente e atuante. Ele ainda fala, corrige, consola, responde, sustenta e transforma. Ele continua alcançando vidas com amor.

Também deixamos aqui um convite sincero. Se você desejar, participe conosco desse caminho. Acompanhe os devocionais, visite o site, conheça melhor os testemunhos, veja o trabalho missionário, compartilhe este material com outras

peças e, se Deus tocar o seu coração, aproxime-se também dessa obra. Há espaço para orar conosco, aprender da Palavra, caminhar em comunhão e apoiar as missões conforme a direção do Senhor.

Que este livro fortaleça sua fé, desperte seu coração e o aproxime ainda mais de Jesus Cristo.

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Jesus Me Ligou! | 4 |
| Milagre do cachorrinho! | 5 |
| Eu estava quebrada... | 6 |
| Do Desespero à Cura! | 7 |
| Como Deus Libertou Minha Mãe do Vício do Cigarro | 8 |
| Meu Encontro Surpreendente com Cristo! | 9 |
| Quando Deus me tirou de mim mesmo | 10 |
| Minha mãe precisava perdoar! | 11 |
| Deus me deu um carro! | 12 |

Jesus Me Ligou!

Testemunho: Lucas

Eu estava saindo para o trabalho, ouvindo vocês falarem sobre misericórdia, e me fez lembrar de uma experiência muito forte que vivi no último sábado. Foi uma dessas situações em que Deus não apenas fala sobre um assunto, mas faz a gente passar por ele, sentir o peso dele e, se necessário, ser corrigido diante dos próprios olhos.

Naquele dia, um amigo meu foi lá para casa. O primo da minha esposa também estava conosco. Nós saímos para comer num restaurante que fica em frente de casa, e minha esposa foi junto. Como acontece tantas vezes, a conversa entrou em temas espirituais. Começamos a falar da Bíblia, do que Deus diz, de pecado, de caminho, dessas coisas que, quando tocam em áreas sensíveis, logo revelam o que realmente está no coração de cada um.



Os dois já tinham alguma noção da Palavra, mas muito por cima. Eu já tinha conversado com eles outras vezes. Talvez justamente por isso, por achar que já tinha explicado antes, por sentir que eles continuavam sem entender, fui ficando

impaciente. Hoje vejo com clareza que, naquele momento, eu já estava sem misericórdia. Eu ainda falava da verdade, mas já não falava com amor.

Então me irritei.

Falei duro. Apontei o dedo. Disse que eles só falavam besteira, que não era assim que estava escrito, que defendiam certas coisas porque amavam o pecado e queriam continuar vivendo daquele jeito. Em vez de corrigir com misericórdia, eu julguei. Em vez de servir como ponte, virei pedra de tropeço. Fiz exatamente o que a Palavra não me manda fazer.

Na mesma hora, pouco depois, aquilo já começou a me incomodar. Minha esposa logo me corrigiu, disse que não era assim, e eu fui sentindo o peso da minha atitude. Voltamos para casa, e aquela sensação ruim ficou comigo. Não era paz. Era a consciência me dizendo que eu tinha falado de Deus do jeito errado.

Mais ou menos uma hora depois, recebi uma ligação no celular.

Era um número desconhecido. Achei que fosse spam. Atendi mesmo assim. A pessoa do outro lado me chamou pelo nome e disse que já fazia dois anos que estavam orando por mim, que queriam falar um pouco comigo e fazer uma oração. Aquilo soou estranho demais. Na mesa estávamos eu, minha esposa, meu amigo e o primo dela, e como todos acharam aquilo meio esquisito, botei no alto-falante para ouvirem também. A reação inicial foi de desconfiança. Parecia golpe, trote, qualquer coisa assim. Desligaram.

Mas aquilo ficou me incomodando.

Liguei de volta. Perguntei o nome do homem.

Ele respondeu:

— Meu nome é Jesus.

Na hora eu até ri.

— Sério? Seu nome é Jesus?

Ele disse que sim. Depois pediu que eu escolhesse um número de um a dez. Eu ainda estava desconfiado e falei que não escolheria número nenhum. Então ele disse que escolheria por mim. Escolheu. Leu um versículo. E foi ali que Deus me pegou de um jeito que eu nunca mais esqueci.

O versículo escolhido era Isaias 58:9, que fala sobre apontar o dedo.

Na mesma hora, entendi. Deus estava me corrigindo. Não de forma genérica, não com uma palavra ampla demais, mas exatamente em cima do que eu tinha acabado de fazer no restaurante. Eu tinha apontado o dedo. Eu tinha me colocado acima deles. Eu tinha falado da verdade sem o espírito da verdade. E ali, no meio da minha própria casa, com aquelas mesmas pessoas ouvindo, Deus usou um desconhecido para me confrontar por meio da Palavra.

Depois disso, aquele homem ainda orou por mim e desligou.

O que ficou foi um silêncio cheio da presença de Deus.

Aquilo foi muito forte para mim. Porque eu percebi o cuidado de Deus se mostrando ali, de modo muito claro. Mas não foi só comigo. Meus amigos também viram. Para um deles, foi a primeira experiência marcante com Deus. Para o primo da minha esposa, então, aquilo teve um peso ainda maior, porque ele vivia dizendo que Deus não falava com ele, que Deus não o via, que nunca tinha uma experiência real, que continuava pecando porque não via resposta do céu. E justamente naquele contexto Deus se mostrou, me corrigindo e, ao mesmo tempo, se revelando para ele.

Também havia ali o meu outro amigo, que já tinha falado coisas muito pesadas sobre si mesmo. Em algum momento da conversa no restaurante, ele tinha dito que morreria no inferno por ser quem era. E eu ainda tentei dizer a ele que não era assim, que Deus perdoa, que o simples fato de ele estar ali, sentado à mesa conosco, falando sobre Deus, já era um sinal do cuidado do Senhor sobre a vida dele. Só que, por eu ter misturado isso com dureza e falta de misericórdia, minhas palavras perderam força. Então Deus, na Sua bondade, decidiu confirmar Ele mesmo aquilo que eu não soube transmitir do jeito certo.

Uma hora depois, veio aquela ligação.

Foi como um tapa santo no rosto de todos nós. Deus estava dizendo: “Sim, eu vejo. Sim, eu me importo. Sim, eu corrijo. Sim, eu cuido. Sim, eu falo.”

Naquele dia, eu entendi que eu estava sendo um fariseu. Achava que, por conhecer mais da Palavra do que eles, tinha licença para corrigi-los daquele jeito. No fundo, havia até amor em mim, porque eu realmente não queria vê-los

perdidos. Mas havia um amor deformado pela impaciência, pela arrogância e pela falta de misericórdia. Eu queria corrigir sem antes me lembrar de que também sou alguém que precisa ser corrigido.

E Deus, na Sua bondade, não deixou aquilo passar.

O que mais me marca nessa história é que o Senhor não apenas me mostrou meu erro. Ele também cuidou de não desperdiçar aquele momento. Usou a minha falha para corrigir a mim e, ao mesmo tempo, se revelar aos que estavam comigo. O que poderia ter terminado como apenas uma refeição pesada e um constrangimento entre amigos se transformou numa intervenção do céu.

Desde então, ficou muito claro para mim que não basta conhecer a verdade. É preciso carregar a misericórdia junto com ela. Sem amor, até a correção certa pode se tornar errada. Sem misericórdia, a verdade pode ser usada como arma em vez de remédio. E foi exatamente isso que Deus tratou comigo.

Naquele sábado, eu aprendi que a misericórdia não é um detalhe da fé. Ela é parte do próprio caráter de Cristo em nós. E, quando falta misericórdia, a nossa boca até pode falar de Deus, mas já não fala como Deus falaria.

Por isso nunca mais esqueci daquela noite.

Eu achava que estava corrigindo meus amigos. Mas era eu quem precisava ser corrigido primeiro.

E Deus, com uma precisão que só Ele tem, me alcançou antes que eu ferisse ainda mais quem eu dizia amar.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-754aa96f-pt>

Milagre do cachorrinho!

Testemunho: Mario

Há experiências com Deus que o tempo não apaga. Elas não envelhecem, não enfraquecem, não se tornam pequenas com os anos. Ao contrário: quanto mais o tempo passa, mais elas brilham dentro de nós, como marcos eternos da bondade do Senhor. E, entre tantas coisas que vivi com Deus, existe uma que permanece viva em minha memória como se tivesse acontecido ontem. Foi o primeiro milagre pelo qual recorri a Deus. E eu nunca esqueci.



Eu era ainda um novo convertido. Meu coração estava começando a conhecer os caminhos do Senhor, meus passos ainda eram simples, minha fé ainda engatinhava, mas dentro de mim já havia algo que queimava: a certeza de que Deus era real, de que Ele ouvia, de que Ele via, de que Ele se importava.

Naqueles dias, eu ajudava na construção da igreja. Era tudo muito simples, mas havia alegria no serviço. Eu fui até a casa de um irmão buscar um ferro que seria usado na obra. Era apenas mais uma tarefa comum, mais um momento comum,

mais um dia comum. Mas Deus, em Sua misericórdia, costuma transformar dias comuns em testemunhos eternos.

Quando cheguei à casa, vi uma cena que me cortou por dentro.

Havia ali um cachorrinho. Pequeno, frágil, indefeso. Ele não andava normalmente. Só tinha movimento nas patas dianteiras. Arrastava o corpinho pelo chão, com dificuldade, com limitação, com sofrimento. E, para aumentar ainda mais a dor daquela cena, havia outro cachorro que o maltratava, judiava dele, como se a fraqueza daquele animal o tornasse ainda mais vulnerável à crueldade.

Eu parei. Fiquei olhando. E aquilo me doeu profundamente.

Talvez, para muita gente, fosse apenas um cachorro. Apenas um animal. Apenas uma cena triste entre tantas outras da vida. Mas, naquele momento, meu coração se moveu de compaixão. Eu não consegui simplesmente olhar e ir embora. Havia algo dentro de mim que não aceitava ver aquele bichinho sofrendo daquele jeito sem ao menos clamar ao Senhor.

Então, em silêncio, falei com Deus.

Lembro-me como se fosse agora. Meu coração falou antes mesmo dos meus lábios. Eu disse ao Senhor algo assim: “Pai, quando um ser humano fica numa situação dessas, ainda pode ter uma muleta, uma cadeira de rodas, algum tipo de ajuda para se locomover. Mas esse cãozinho não tem nada. Ele só sofre. Ele só se arrasta. E ainda é maltratado. Senhor, se Tu és realmente comigo, como diz a Tua Palavra, então eu Te peço, em nome do Teu Filho Jesus Cristo: restaura a saúde desse cachorrinho. Tem misericórdia dele, Pai. Compadece-Te dele. Em nome de Jesus.”

Foi uma oração simples. Sem eloquência. Sem aparência. Sem qualquer grandeza humana. Era apenas um coração novo diante de um Deus vivo. Apenas compaixão transformada em clamor. Apenas alguém começando a descobrir que a fé pode se derramar até nas coisas que o mundo considera pequenas.

A dona da casa estava lavando roupa no tanque. Ela me viu ali, por um instante, orando pelo cachorro. Talvez nem tenha entendido direito. Talvez tenha achado estranho. Talvez tenha apenas guardado aquilo em silêncio. Eu mesmo, naquele momento, não sabia o que Deus faria. Eu apenas sabia que tinha falado com Ele.

Mas horas depois — e isso ainda hoje me emociona — horas depois, não foi no dia seguinte, não foi uma semana depois, não foi muito tempo depois... horas depois, aquele cachorrinho estava andando normalmente.

Normalmente.

Como se nada tivesse acontecido.

Como se Aquele que formou cada ser vivente tivesse tocado nele com a delicadeza do céu.

Eu não vi apenas uma melhora. Não vi apenas um alívio passageiro. Eu vi Deus responder. Eu vi Deus agir. Eu vi Deus mostrar, para aquele novo convertido que eu era, que Ele ouve a oração sincera, que Ele não despreza a compaixão, e que Seu poder não está limitado ao que os homens consideram importante.

Na primeira reunião da semana, a dona da casa apareceu na igreja. Lembro-me disso com clareza. Ela pediu uma oportunidade para falar. E, diante de todos, contou o que havia acontecido. Disse que aquele homem que estivera na casa dela — sem nem falar meu nome — tinha visto o cachorrinho se arrastando, tinha orado por ele, e que poucas horas depois o animal já estava andando como se nunca tivesse sofrido daquele mal.

Quando ouvi aquilo, eu desabei.

Comecei a chorar diante de Deus.

Não era orgulho. Não era vaidade. Não era a sensação de ter feito alguma coisa grandiosa. Era exatamente o contrário. Era o peso santo de perceber que Deus havia me escutado. Que o Deus eterno, o Deus dos céus e da terra, o Criador de todas as coisas, havia inclinado os ouvidos para uma oração simples que nasceu da compaixão.

Eu chorei porque, naquele momento, entendi de forma profunda que Deus nos ouve.

Ele nos ouve.

Ele nos ouve quando nos compadecemos. Ele nos ouve quando intercedemos. Ele nos ouve quando não buscamos aparecer, mas apenas amar. Ele nos ouve quando

o nosso coração se move pela dor do outro — seja esse outro uma pessoa, seja até um pequeno animal indefeso sofrendo diante dos nossos olhos.

Aquele foi o primeiro milagre que presenciei de forma tão pessoal na minha caminhada com Deus. E, de certa forma, foi ali que minha fé começou a aprender a andar.

Depois daquilo, algo mudou dentro de mim. Não porque eu passei a me sentir especial, mas porque passei a entender, com mais convicção, que tudo é possível ao que crê. Passei a exercitar a fé com mais ousadia, mais reverência, mais dependência. A oração deixou de ser apenas um ensinamento bonito e se tornou, para mim, uma realidade viva, poderosa, concreta.

Aquele cachorrinho curado se tornou, dentro da minha história, uma marca da ternura de Deus.

Há quem ache que Deus só se importa com grandes eventos, com grandes causas, com grandes nomes, com grandes púlpitos. Mas eu aprendi, naquele dia, que Deus também se revela nas pequenas cenas, nos quintais simples, nos encontros improváveis, nos detalhes que quase ninguém percebe. Ele se manifesta onde há fé. Ele se manifesta onde há misericórdia. Ele se manifesta onde há um coração disposto a crer.

Não me esqueço do nome daquela mulher: Paula. Nem me esqueço da forma como ela falou na igreja. Nem me esqueço do que senti. Nem me esqueço das lágrimas. Porque, naquele dia, não foi apenas um cachorro que voltou a andar.

Naquele dia, um novo convertido aprendeu que sua oração chegava ao céu.

Naquele dia, eu entendi que Deus não está distante.

Naquele dia, eu vi que o Senhor continua sendo Deus de milagres.

E, desde então, toda vez que a vida tenta endurecer o meu coração, toda vez que a rotina tenta esfriar minha fé, toda vez que o cansaço tenta me fazer pensar que estou orando em vão, eu volto a esse momento. Volto àquela casa. Volto àquele quintal. Volto àquele cachorrinho se arrastando. Volto àquela oração simples. Volto àquele culto. Volto àquelas lágrimas.

E me lembro, mais uma vez, que Deus ouve.

Ouve o clamor sincero.

Ouve a fé simples.

Ouve a compaixão verdadeira.

Ouve o coração quebrantado.

Aquele foi o primeiro milagre que eu nunca esqueci.

E talvez eu nunca tenha esquecido porque, no fundo, não se tratava apenas da cura de um animal.

Tratava-se do momento em que Deus me mostrou, de maneira inesquecível, que Ele estava comigo.

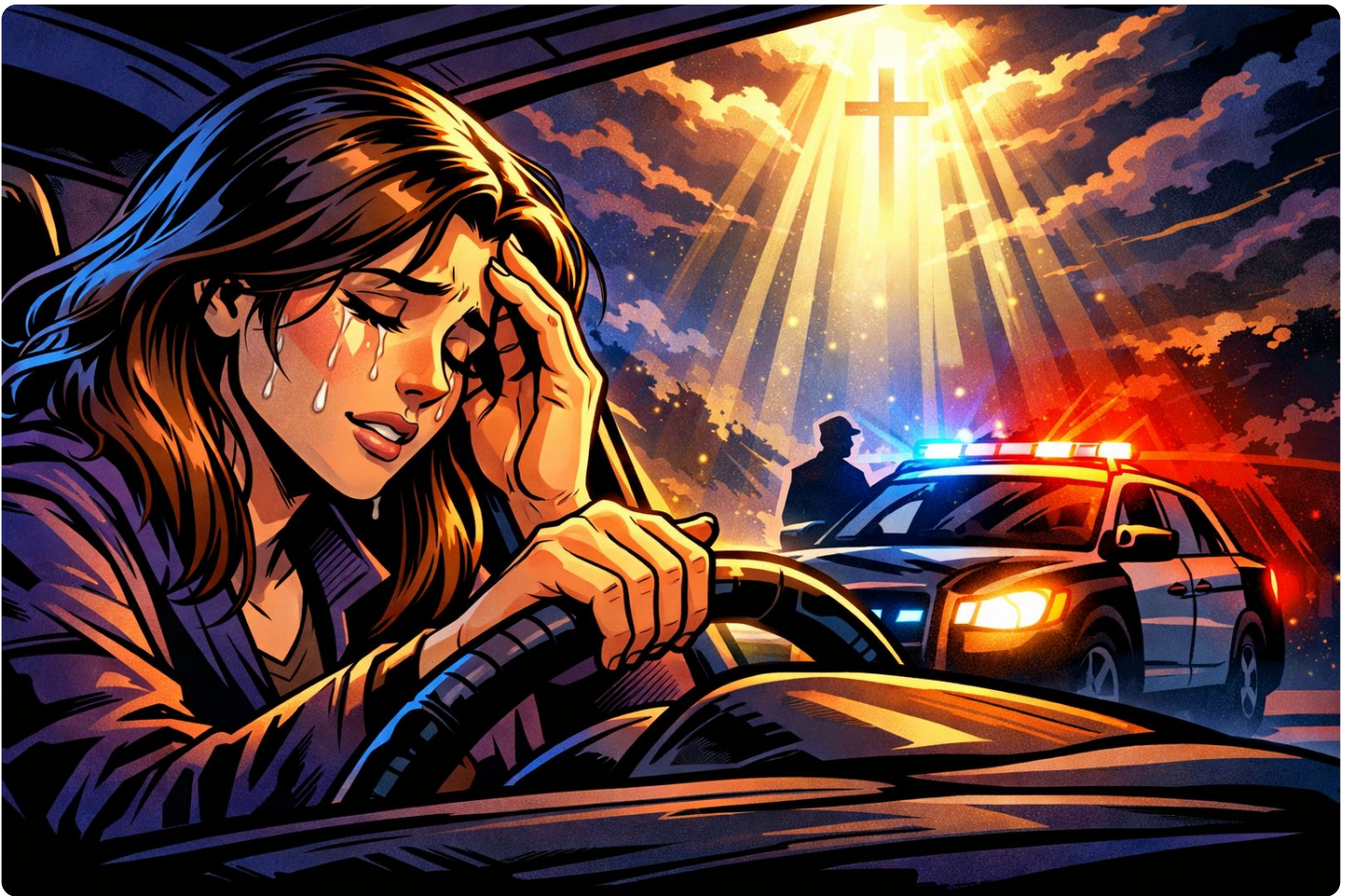
Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-985ac995-pt>

Eu estava quebrada...

Testemunho: Rute

Houve um tempo em que eu dirigia chorando.

Não era um choro silencioso apenas. Era aquele choro misturado com revolta, com perguntas sem resposta, com uma dor tão profunda que parecia tomar conta de tudo. Eu havia passado pelo divórcio, e aquilo tinha me quebrado por dentro. Enquanto segurava o volante, eu resmungava com Deus, reclamava, brigava com Ele em pensamento e em palavras. Meu coração estava ferido, e da minha boca saíam frases que nasciam mais da confusão do que da verdade.



Eu perguntava por que o Senhor tinha deixado aquilo acontecer.

Dizia que, se Ele existisse mesmo, poderia ter me livrado daquela situação. Dizia que, se realmente cuidasse de mim, não teria permitido que meu casamento chegasse ao fim. Eu confiava em Deus. Eu acreditava que meu casamento seria para sempre, como o dos meus pais. Eu cria que Ele me guardaria, que

sustentaria a minha casa, que impediria aquela ruptura. E, quando tudo desmoronou, foi como se eu tivesse me sentido traída pela própria esperança.

A dor me cegava.

Naquele dia, eu estava nesse estado. Chorando, murmurando, desabafando de forma dura com Deus, dizendo coisas que hoje sei que não eram verdade. Em meio a tudo isso, eu vinha dirigindo pelas ruas, num lugar onde não havia placas tradicionais de parada, apenas a palavra “STOP” pintada e sinalizada. E, naquele meu turbilhão interior, passei direto.

A polícia estava logo ali.

Assim que avancei, a viatura veio atrás de mim. No carro, estava comigo minha filha. Quando percebi que o policial havia parado atrás de nós, senti o peso da situação. Eu já estava emocionalmente abalada, e agora aquilo parecia mais uma confirmação, mais um problema, mais uma prova de que tudo estava dando errado.

Mas foi justamente ali, naquele momento, que eu disse algo ao Senhor.

Ainda tomada pela minha arrogância, pela minha dor e pelo meu atrevimento, falei com Deus de um jeito quase desafiador: “Está vendo? Então, se o Senhor me guarda mesmo, se o Senhor cuida de mim, me livra dessa.”

Era uma oração torta.

Um clamor ferido.

Uma frase atravessada pela rebeldia.

O policial se aproximou e pediu minha carteira de motorista e o documento do carro. Só que, naquela época, eu ainda não tinha carteira de motorista. A situação era séria. Eu sabia disso. Enquanto eu tentava pegar os documentos, alguém chamou o policial pelo rádio. Ele então se afastou, foi para trás do meu carro e ficou algum tempo falando por ali.

Meu coração disparava.

Eu não sabia o que aconteceria.

Não sabia o que ele faria.

Não sabia como aquilo terminaria.

Até que, de repente, ele bateu na traseira do carro, chamou minha atenção com firmeza e gritou para que eu fosse embora.

Só isso.

Sem multa.

Sem mais perguntas.

Sem levar adiante uma situação que poderia ter se tornado muito complicada para mim.

Naquele instante, tudo mudou dentro de mim.

Eu entendi.

Entendi que Deus estava ali.

Entendi que Ele existia, sim.

Entendi que Ele me amava, mesmo quando eu estava ferida, confusa e dizendo coisas injustas sobre Ele.

Entendi que o cuidado de Deus não tinha deixado de existir só porque a minha vida não saiu como eu sonhei.

Ali, dentro daquele carro, depois de ter colocado Deus à prova de maneira tão errada, eu fui confrontada pela misericórdia dEle. Não por uma bronca visível. Não por uma condenação. Mas por um livramento tão claro, tão direto, tão inesperado, que eu já não podia continuar dizendo que Ele não cuidava de mim.

Nunca mais falei que Deus não existe.

Nunca mais falei que Ele não me ama.

Nunca mais falei que Ele não me guarda.

Muito pelo contrário.

Depois daquele dia, algo se firmou em mim de forma profunda. Passei a saber, não apenas a imaginar, que Deus cuida da gente até quando estamos confusos. Até quando estamos feridos. Até quando falamos o que não deveríamos falar. A nossa dor pode nos levar a dizer coisas que não correspondem à verdade. O

sofrimento pode embaralhar a fé, pode escurecer o pensamento, pode nos fazer interpretar o silêncio de Deus como abandono. Mas o Senhor continua sendo quem Ele é, mesmo quando nós, por causa da dor, não conseguimos enxergar isso com clareza.

Foi isso que aquele momento me ensinou.

Deus foi bondoso comigo.

Misericordioso comigo.

Paciente comigo.

Mesmo em meio à minha ignorância, à minha revolta, à minha tristeza, Ele me mostrou que continuava no controle. Mostrou que ainda era Deus. Mostrou que não havia me deixado sozinha. E me mostrou também que o amor dEle não depende da perfeição da minha reação. Se dependesse, eu estaria perdida. Mas a misericórdia do Senhor vai ao encontro até mesmo dos seus filhos quando estão desordenados por dentro.

Esse testemunho ficou queimando no meu coração.

Eu nem sabia exatamente para quem precisava contá-lo, mas sentia que precisava falar. Porque sempre haverá alguém passando por uma dor parecida, atravessando um rompimento, uma perda, uma decepção, uma confusão tão grande que quase o leva a pensar que Deus se esqueceu dele. E não. Deus não se esquece.

Ele está presente também nas horas de angústia.

Às vezes, a intervenção dEle não vem da forma como esperávamos. Às vezes, Ele não impede a dor que queríamos evitar. Às vezes, Ele não conserva intacto aquilo que sonhávamos manter. Mas, mesmo assim, continua cuidando. Continua sustentando. Continua mostrando, de maneiras inesperadas, que nossa alma continua sendo preciosa para Ele.

Foi isso que aconteceu comigo.

Eu estava quebrada, mas Deus não me abandonou.

Eu estava revoltada, mas Deus não me rejeitou.

Eu estava confusa, mas Deus não deixou de ser Pai.

Naquele livramento, simples para alguns e gigantesco para mim, o Senhor respondeu não apenas a uma situação na estrada. Ele respondeu à minha alma. Era como se dissesse: “Eu ainda estou aqui. Eu ainda cuido de você. Você não entende tudo agora, mas Eu não deixei de ser Deus na sua vida.”

E essa certeza mudou algo em mim.

Desde então, aprendi que nem toda crise é prova da ausência de Deus. Muitas vezes, é justamente no meio da crise que Ele se revela com mais ternura. Não para satisfazer nossa rebeldia, mas para nos trazer de volta à verdade. Não para concordar com nossa revolta, mas para mostrar que continua sendo Pai. Um Pai real, santo, amoroso e presente.

Hoje, quando olho para trás, não vejo apenas uma mulher chorando ao volante. Vejo uma filha sendo alcançada pela misericórdia de Deus no meio da sua pior confusão. Vejo um coração ferido sendo visitado pela bondade divina. Vejo um livramento que foi muito mais do que escapar de uma multa ou de uma complicação legal. Foi um marco, um ponto de virada, um daqueles momentos em que o céu toca a terra no meio de um dia comum e nos lembra que o amor de Deus continua firme.

Esse amor permanece quando tudo vai bem e também quando tudo desaba. Permanece quando a fé está forte e também quando estamos lutando para não perdê-la. Deus não deixa de ser Deus porque estamos feridos, confusos ou cansados. O cuidado dEle não desaparece só porque a dor tenta nos convencer do contrário.

Se alguém ler estas palavras com o coração apertado, sentindo-se esquecido, frustrado ou abandonado, eu queria dizer com sinceridade: tenha cuidado com as conclusões que a dor tenta impor. A dor nem sempre diz a verdade. O desespero distorce. A confusão embaralha. Mas Deus continua presente, e o cuidado dEle pode se manifestar justamente quando você menos espera.

Eu vivi isso. E, por causa disso, não levanto mais a bandeira da dúvida. Hoje eu levanto a bandeira da honra e da glória ao Senhor Jesus, porque Ele é Deus, Ele cuida, Ele responde e continua presente nas horas de angústia. Mesmo quando eu estava quebrada, Ele não me abandonou.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-e9383570-pt>

Do Desespero à Cura!

Testemunho: Jurandir

Há dores que chegam devagar, como uma sombra que vai se espalhando sem pedir licença. No começo, a gente acha que vai passar. Depois, percebe que não passou. Então tenta entender, procura ajuda, faz exames, gasta dinheiro, se desgasta por dentro e por fora. E, quando nada resolve, o que começa a doer não é só o corpo. A alma também começa a se cansar.



Foi assim que tudo começou para mim.

Eu via minha filha sofrendo do outro lado do mundo, na Austrália, e isso me cortava por dentro de um jeito que só um pai entende. Não era apenas uma notícia ruim. Não era apenas mais um problema de saúde. Era a minha filha chorando de dor, enfrentando uma luta que nenhum médico conseguia resolver. Era o desgaste dos exames, o peso das despesas, a frustração de buscar respostas e não encontrar. Era a sensação de estar fazendo tudo o que era possível e, ainda assim, continuar de mãos vazias.

Existe um tipo de impotência que machuca mais do que qualquer diagnóstico. É quando a pessoa que amamos sofre, e nós não podemos tomar a dor para nós.

Eu ouvia o cansaço na voz dela. Ouvi também algo além da dor física: ouvi o desânimo, ouvi o desgaste, ouvi o limite de alguém que já não sabia mais para onde correr. E foi naquele momento que, dentro de mim, nasceu uma certeza. Eu não tinha a cura nas mãos. Eu não tinha uma resposta médica. Eu não podia atravessar o oceano e arrancá-la daquela aflição com a força dos meus braços. Mas eu podia apontar para Aquele que continua sendo o Médico dos médicos.

Então eu disse a ela o que ardia no meu coração: eu podia fazer uma campanha de oração com ela.

Mas não seria algo superficial. Não seria uma religiosidade apressada. Não seria um gesto simbólico para aliviar a consciência. Eu sabia que, quando a dor aperta de verdade, a alma precisa se posicionar diante de Deus com sinceridade. Eu queria ajudá-la, sim, mas queria que ela mesma entrasse nessa busca. Queria que ela dobrasse os joelhos. Queria que ela separasse tempo. Queria que ela mergulhasse na presença de Deus e buscasse, com toda a sinceridade do coração, o milagre de que precisava.

Porque há momentos em que a gente entende que não pode oferecer a Deus algo que não custe nada.

Eu falei com ela sobre oração. Sobre leitura da Palavra. Sobre separar um tempo santo no meio da correria. Sobre adoração. Sobre consagração. Sobre fazer daquela dor um altar de busca. Eu aqui no Brasil. Ela lá na Austrália. Distantes na geografia, mas unidos no espírito. Dois corações voltados para o mesmo trono. Dois joelhos, em continentes diferentes, se dobrando diante do mesmo Deus.

E começamos.

Durante um mês, aquela campanha deixou de ser uma ideia e se tornou um caminho. Não era apenas pedir cura. Era voltar o coração para Deus. Era abrir espaço em meio à aflição para ouvir Sua voz. Era escolher não se afundar no medo. Era decidir que a dor não teria a última palavra.

Enquanto os dias passavam, eu também refletia sobre algo que muitas vezes esquecemos: há pessoas que querem o milagre, mas não querem a aproximação.

Querem a resposta, mas não querem a presença. Querem o alívio, mas não querem o altar. Como se Deus fosse apenas um socorro para emergências e não o Senhor da vida inteira.

Mas a dor, às vezes, faz o que o conforto não consegue fazer.

Ela nos desacelera.

Ela nos faz olhar para cima.

Ela nos obriga a admitir que somos pequenos.

Ela arranca de nós a ilusão de controle.

Talvez por isso algumas feridas se tornem lugares de encontro com Deus. Não porque Deus tenha prazer no sofrimento, mas porque, em meio ao sofrimento, muitas vezes finalmente O escutamos.

Eu via minha filha enfrentando aquela luta e, ao mesmo tempo, percebia que algo mais profundo estava acontecendo. Não era apenas uma batalha no corpo. Era também um chamado. Um chamado para mais perto. Um chamado para não viver distraída. Um chamado para não deixar o espiritual de lado enquanto a vida material ocupa todos os espaços.

Quantas vezes fazemos isso sem perceber? Não estamos perdidos no sentido absoluto da palavra. Não abandonamos completamente a fé. Mas vamos nos ocupando tanto com as coisas desta vida, com compromissos, contas, preocupações, planos, rotinas, que o lugar de Deus vai ficando apertado dentro de nós. E então, de repente, alguma coisa nos sacode. Alguma situação nos interrompe. Alguma dor nos faz parar. E nessa parada forçada, ouvimos o céu nos chamar de novo.

Foi assim que eu enxerguei aquela situação.

Não como uma ameaça. Não como castigo simplista. Não como se Deus dissesse: “Se você não fizer isso, tudo voltará pior.” Não. Meu coração nunca leu daquele jeito. O que eu senti foi outra coisa. Senti que aquele momento precisava se transformar em recomeço. Que a cura, se viesse, não deveria ser apenas um ponto final para a dor, mas também um ponto de partida para uma vida mais próxima de Deus.

E então, um dia, a mensagem chegou.

Minha filha me escreveu dizendo que havia sido curada. Que já não sentia mais nada. Que algo havia mudado.

Eu li aquelas palavras e meu coração se encheu de gratidão. Gratidão profunda. Gratidão de pai. Gratidão de servo. Gratidão de quem sabe que, quando os recursos humanos se esgotam, Deus continua sendo Deus. Não era apenas a notícia de que a dor havia cessado. Era o testemunho de que o Senhor tinha ouvido. De que a campanha não havia sido em vão. De que as lágrimas não haviam caído no chão sem sentido. De que a oração, mais uma vez, tinha tocado o céu.

Há notícias que nos fazem sorrir.

Outras nos fazem chorar.

E existem aquelas raras notícias que fazem as duas coisas ao mesmo tempo.

Foi assim comigo.

Mas, junto com a alegria, veio também uma responsabilidade no coração. Eu sabia que não bastava celebrar o milagre. Era preciso alimentar o relacionamento. Era preciso continuar. Era preciso fortalecer o espírito. Então eu disse a ela que seguisse buscando. Que continuasse lendo a Palavra. Que se enchesse das coisas de Deus. Que se alimentasse espiritualmente. Que não tratasse aquele milagre apenas como um problema resolvido, mas como uma porta aberta para uma caminhada mais íntima com o Senhor.

Porque a cura do corpo é preciosa.

Mas a cura da alma é ainda mais profunda.

A dor pode passar, e isso é maravilhoso. Mas existe algo maior do que sair de uma crise: é sair dela mais perto de Deus.

Eu passei a pensar em como somos parecidos com filhos adultos que amam o pai, mas, no meio da correria da vida, deixam de visitá-lo. Não é que tenham deixado de ser filhos. Não é que o pai tenha deixado de amar. Mas a comunhão se enfraquece. O contato diminui. A intimidade esfria. Até que um dia alguma

necessidade, alguma saudade ou alguma dor faz aquele filho telefonar de novo, bater à porta de novo, sentar perto de novo.

Com Deus, às vezes, acontece assim conosco.

Ele continua sendo Pai.

Nós continuamos sendo filhos.

Mas quantas vezes nos distraímos tanto que quase nos esquecemos do caminho de volta?

Por isso, aquele testemunho me marcou de forma tão profunda. Não foi apenas uma história de cura. Foi uma história de retorno. Foi uma história de intercessão. Foi uma história de uma filha sofrendo, de um pai orientando, de dois corações se levantando em oração e de um Deus misericordioso respondendo no tempo certo.

E também foi um lembrete para mim.

Um lembrete de que a oração do justo realmente pode muito em seus efeitos. Um lembrete de que Deus continua ouvindo. Um lembrete de que a campanha de oração não deve ser um ato solitário quando a outra pessoa pode ser trazida para dentro do processo. Não basta apenas orar por alguém à distância e deixá-lo passivo, como se a vida espiritual pudesse ser terceirizada. Há momentos em que quem precisa do milagre também precisa entrar no quarto, fechar a porta, abrir a Bíblia, dobrar os joelhos e dizer: “Senhor, eis-me aqui.”

Foi isso que aconteceu conosco.

Do desespero à cura, houve um caminho.

Um caminho de lágrimas.

Um caminho de rendição.

Um caminho de busca.

Um caminho de Palavra, de oração, de consagração.

E, no fim dele, encontramos mais do que alívio. Encontramos resposta.

Encontramos graça. Encontramos o toque invisível, mas real, do Deus que nunca abandonou Seus filhos.

Hoje, quando me lembro de tudo isso, não vejo apenas uma doença que passou. Vejo uma mesa que foi virada dentro da alma. Vejo Deus nos chamando para mais perto. Vejo o céu transformando angústia em testemunho. Vejo um Pai amoroso usando até os dias escuros para reacender a chama da fé.

O desespero parecia o fim.

Mas, nas mãos de Deus, ele se tornou o começo de uma cura que foi muito além do corpo.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-db66f8ba-pt>

Como Deus Libertou Minha Mãe do Vício do Cigarro

Testemunho: Djeimes

Naquele dia, ela não tinha intenção nenhuma de entrar numa igreja.

Tinha ido à casa da mãe, ou da avó das crianças, como faziam tantas vezes. Em algum momento, houve um convite para ir ao culto, mas ela não quis ir. O plano era simplesmente voltar para casa com os filhos, como em qualquer outro dia. Então saiu com eles, pegou o primeiro ônibus e seguiu caminho. Quando chegaram ao ponto onde costumavam descer para pegar o segundo ônibus, a chuva desabou com tanta força que não havia como ficar ali esperando. Foi nessa hora que entraram na igreja. Não por decisão planejada, não por desejo de participar do culto, mas para se abrigarem daquele temporal. E foi assim que Deus começou a mudar a história daquela família.



Mais tarde, ao lembrarem o episódio, o filho percebeu um detalhe que antes nem tinha notado: eles desciam ali justamente para tomar outro ônibus, e foi naquele exato ponto que a chuva apertou e os levou para dentro da igreja. Para

ele, aquilo ficou claro depois: Deus mandou a chuva para fazê-los entrar. Às vezes, Deus para a chuva; outras vezes, manda a chuva. Naquele dia, mandou.

Quando entraram, era uma igreja em campanha. Havia muita gente ali dentro, e no altar havia tantos maços de cigarro que a cena impressionava. Parecia que aquela chuva tinha empurrado muita gente para dentro daquele lugar. Quase como uma caravana inesperada trazida por Deus.

Até então, ela já tinha passado por várias igrejas e denominações, como quem vai de um lado para outro sem realmente parar. Mas naquele dia seria diferente. Não porque estivesse procurando uma resposta, mas porque Deus estava indo ao seu encontro. E, se para isso fosse preciso usar a chuva, então Ele usaria a chuva.

Durante o culto, o pastor chamou à frente todos os que fumavam. Pediu que levassem seus maços de cigarro ao altar. Disse que faria uma oração e que, a partir daquele dia, não fumariam mais. Ela ouviu aquilo e não acreditou. Para ela, parecia impossível. Fumava desde muito nova, por volta dos doze anos, e já carregava aquele vício havia mais de trinta e cinco anos, talvez quarenta. O cigarro fazia parte da sua vida. Ela gostava. Não queria parar. Não queria se entregar. Mesmo assim, ao seu lado havia um menino insistindo. O filho a cutucava o tempo todo, pedindo que fosse. “Vai, mãe. Vai, mãe.” Ela respondia que não adiantava, que se fosse à frente depois sairia dali e fumaria do mesmo jeito. Mas ele não desistia. Era a fé simples e insistente de uma criança.

Por fim, alguém ao lado reforçou o apelo: ela deveria ir, nem que fosse pelo pedido do filho. Então resolveu ir. Não porque acreditasse plenamente, mas porque já estava cansada de resistir. Pegou o maço e foi até o altar.

Havia muitos maços ali, muitos mesmo. Quase uma montanha. Quando todos chegaram à frente, o pastor pediu que fechassem os olhos. Ela não queria fechar. Todos fecharam, menos ela. O pastor insistiu. Mandou que fechasse os olhos e levasse o pensamento a Deus. Ela fechava e abria, fechava e abria, até que, de tanto insistirem, resolveu obedecer. E, naquele instante, algo aconteceu. Ela se viu sozinha. Não havia mais ninguém perto. Estava diante de um cenário seco, de mato quebrado, galhos secos, um monte de coisas ressequidas. Era ela e aquela segura diante de si. E, ao mesmo tempo, sentia-se sozinha, sozinha mesmo, mas firme ali. Quando a oração terminou e ela abriu os olhos, todos continuavam no

mesmo lugar. Foi então que se espantou: se estava sozinha, como agora estava ali de novo no meio de todos? Não sabia explicar, apenas sabia o que tinha visto.

Depois do culto, ela sentou e esperou a chuva passar. Quando a chuva parou, saiu com as crianças e foi embora. Mas no caminho brigou com o filho. Disse que agora ele atravessaria a rua para comprar o seu cigarro, porque ela não tinha mandado ele deixar o maço no altar. O menino respondeu com convicção que ela não fumaria mais. Ela retrucou, irritada, dizendo que fumaria, sim, porque ele não mandava nela. Quando chegaram à esquina, perto do ponto de ônibus, havia um bar, e ela mandou o menino ir comprar o cigarro. Mas justamente naquele momento o bar estava fechado. Então ela pensou consigo mesma que não tinha problema, porque em casa ainda havia um pacote.

Chegando em casa, cuidou das crianças, deu banho nelas, organizou o que precisava, e então foi fazer aquilo que sempre fazia: tomar um café e fumar. Só que, ao acender o cigarro e tragar, veio uma tontura tão forte que ela precisou parar. Jogou fora e tentou explicar a si mesma que o problema devia ser a marca. No dia seguinte, tentou de novo. Não conseguiu. Aquilo embrulhava, queimava, dava nojo. No trabalho, até trocou o cigarro com uma colega, pensando que talvez outra marca resolvesse. Ficou pior. Ela queria fumar, mas o cigarro já não a aceitava mais. Aos poucos, o prazer virou repulsa. E assim, sem alarde, sem tratamento, sem esforço humano que desse conta de explicar, ela nunca mais fumou.

Mais tarde, ao comentarem o que havia acontecido, veio uma palavra que ajudou a interpretar tudo aquilo. Disseram que Deus lhe dera uma visão real. Embora estivesse em meio a muitas pessoas dentro da igreja, Deus a fizera ver-se sozinha, porque naquele momento era ela e Deus. E aqueles galhos secos representavam aquilo que Ele estava queimando na vida dela e na vida de tantas pessoas que estavam ali: os cigarros, o vício, a dependência, toda aquela secura acumulada. Deus fez com que ela saísse dali já com nojo do cigarro, mesmo sem perceber totalmente o que estava acontecendo. Tanto que ainda tentou forçar o filho a comprar mais, mas a obra já havia começado. Quando Deus quer fazer, Ele faz. E quando a pessoa está diante da sua necessidade, Deus sabe exatamente o que fazer.

Anos depois, o filho ainda se admirava com detalhes que ele mesmo não sabia. Lembrava da chuva, lembrava do altar cheio de maços de cigarro, lembrava de ter insistido com fé infantil para que a mãe fosse à frente, mas não sabia de toda a luta que ela ainda travou tentando fumar nos dias seguintes. Não sabia, por exemplo, que o nojo já tinha sido plantado ali naquela noite. E ao ouvir tudo de novo, percebeu o quanto Deus tinha conduzido cada detalhe desde o começo: a saída da casa da avó, o primeiro ônibus, o ponto do segundo ônibus, a chuva, a igreja, a oração, a visão, o altar, a insistência da criança, o nojo, a libertação. Tudo.

No fim, o que aquele testemunho mostrava era mais do que a libertação de um vício. Mostrava a resposta de Deus à oração de um filho. Ele pedia que a mãe largasse o cigarro. Pedia porque a amava. Pedia porque sabia, mesmo ainda pequeno, que aquilo fazia mal a ela. E Deus ouviu. Ouviu o pedido simples, sincero e perseverante de uma criança. A mãe até queria continuar, mas não conseguiu. A vontade dela não prevaleceu diante da vontade de Deus. Porque, quando Deus decide libertar, ninguém consegue impedir.

E assim ficou gravado para sempre: naquele dia, a chuva não atrapalhou o caminho. A chuva foi o caminho. Deus mandou a chuva para fazê-los parar no ponto certo, na hora certa, diante da igreja certa. Mandou a chuva para responder à oração de uma criança. Mandou a chuva para libertar uma mulher de um vício de décadas. Mandou a chuva para provar que Ele ama a alma, vê a necessidade e sabe exatamente como conduzir cada passo.

E, desde então, ela nunca mais fumou.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-43f070fd-pt>

Meu Encontro Surpreendente com Cristo!

Testemunho: Mario

Há coisas que só entendemos muitos anos depois.

Na hora, a gente chama de acaso, de susto, de livramento, de coincidência, de fase difícil. A gente vai vivendo, tropeçando, correndo, fazendo escolhas sem pensar muito, tentando aproveitar a vida do jeito que acha melhor. Mas chega um momento em que tudo começa a se encaixar, como peças espalhadas por muito tempo sobre a mesa. E então percebemos que Deus já estava ali, muito antes de nós percebermos Sua presença.

Quando olho para a minha história, é exatamente isso que vejo.



Eu não fui um homem que cresceu buscando a Deus com sinceridade. Não. Durante muitos anos, vivi do meu jeito. Eu queria curtir a vida. Queria seguir meus impulsos, meus desejos, minhas vontades. Já tinha ouvido gente falar de Jesus, já tinham pregado para mim, já tinham me aconselhado, mas aquilo entrava por um

ouvido e saía pelo outro. Meu coração estava endurecido. Eu não tinha interesse. Achava que tinha tempo. Achava que podia viver do meu jeito e pronto.

Eu era novo, estava casado havia pouco tempo, e minha cabeça era a cabeça de quem se sente forte, dono de si, senhor dos próprios passos. Eu não sabia, mas já havia uma mão de misericórdia me acompanhando pela estrada inteira.

Um dia, sem planejar nada direito, eu e mais quatro colegas decidimos ir ao Rio de Janeiro assistir ao jogo entre Brasil e Argentina, no Maracanã. Foi tudo no impulso. Já era perto do meio-dia quando colocamos isso na cabeça. Almoçamos, peguei meu carro, coloquei os rapazes dentro e partimos. Não avisei minha esposa. Não avisei ninguém. Simplesmente fui.

Hoje, quando me lembro disso, vejo o quanto eu era irresponsável. Mas, naquela época, eu chamava aquilo de liberdade.

Chegamos ao Rio, assistimos ao jogo, vimos o Brasil vencer a Argentina por 2 a 1, e saímos dali tomados pela empolgação do momento. O estádio ainda ecoava dentro de mim. A alegria da partida, a adrenalina da viagem, aquela sensação de juventude e invencibilidade. Mas bastou um instante para tudo mudar.

No caminho para a Praia de Botafogo, havia uma obra na rua. Uma grande placa de aço cobria um buraco no asfalto. Um caminhão passou na minha frente, deslocou aquela placa, e eu bati justamente na ponta dela. O impacto foi forte. O eixo do carro entortou. A roda dianteira ficou deformada. O carro mal andava. Eu ainda não sabia, mas aquela noite seria muito mais do que um problema mecânico. Deus estava me cercando de um jeito que eu não entendia.

Já era quase meia-noite quando paramos. Fomos comer alguma coisa, tentando pensar no que fazer. Eu comi um x-salada. Uma coisa comum, simples, sem importância. Mas, pouco depois, fui atingido por uma dor que eu nunca havia sentido na vida.

Era uma cólica terrível. Uma dor violenta, daquelas que não deixam a pessoa em pé, sentada ou deitada. Não havia posição que aliviasse. Meu corpo se contorcia, e eu me sentia completamente dominado pelo sofrimento. Eu procurava ajuda como um homem perdido, andando sem saber ao certo para onde ir, tentando encontrar alguém que me socorresse. Não era só uma dor física. Era como se toda a minha autossuficiência estivesse sendo esmigalhada naquela calçada.

Acabei indo parar no Hospital Miguel Couto. Passei a noite ali, sendo medicado, tomando soro, tentando suportar. Ao mesmo tempo, minha cabeça estava presa ao carro quebrado, ao dinheiro que não tínhamos para o conserto, ao transtorno da viagem, ao medo do que ainda viria. Era tudo confusão, dor, desgaste, preocupação.

No dia seguinte, ainda tentamos resolver a situação do carro. O conserto ficou caro. O dinheiro era curto. Voltamos para São Paulo do jeito que deu. Eu vinha sofrendo no corpo, e o carro vinha sofrendo no asfalto. A viagem foi longa, arrastada, dolorosa. Parecia que nada cooperava. Parecia que tudo estava fora do lugar.

No outro dia, fui internado em um hospital em Santo André.

E foi ali, num quarto de hospital, que Deus começou a mexer comigo de uma maneira silenciosa.

Ao meu lado estava um homem chamado João. Ele era evangelista e também estava internado, aguardando uma cirurgia na vesícula. Durante aqueles dias, ele começou a falar de Jesus para mim. Não com arrogância. Não com dureza. Não com pressão. Ele falava com convicção, com simplicidade, com a paz de quem conhecia de verdade aquilo que estava dizendo.

Eu ouvia.

Naquele quarto, eu não tinha para onde fugir. E talvez fosse exatamente disso que eu precisava: parar. Parar de correr. Parar de inventar distrações. Parar de achar que o mundo girava em torno dos meus desejos. Naquele quarto, entre remédios, silêncio, dores e espera, eu fui ouvindo o evangelho.

Durante quatro dias, aquele homem falou de Jesus para mim.

No dia em que ele seria operado, antes de sair para a cirurgia, ele olhou para mim e disse que queria fazer um apelo. Perguntou se eu queria aceitar o Senhor Jesus como meu único e suficiente Salvador. Eu respondi que sim.

Eu me ajoelhei. Ele também se ajoelhou. Colocou a mão sobre a minha cabeça e orou. Pediu a Deus que escrevesse meu nome no livro da vida. Naquele instante, eu aceitei Jesus.

Mas o que aconteceu depois mostra como o coração humano pode ser lento para compreender as coisas de Deus.

Eu saí do hospital e continuei a minha vida praticamente do mesmo jeito. Como se aquela oração tivesse sido apenas um momento. Como se aquela decisão não exigisse de mim uma entrega verdadeira. Eu tinha dito “sim”, mas ainda não tinha sido quebrantado de fato. Eu tinha aberto a boca, mas o coração ainda precisava ser alcançado em profundidade.

E então o tempo passou.

Passaram-se vinte anos.

Vinte anos de altos e baixos. Vinte anos de tombos e recomeços. Vinte anos de lutas, erros, durezas, experiências, dias bons e dias amargos. Vinte anos em que eu continuei vivendo sem perceber que Deus nunca havia desistido de mim. Eu tropeçava, me levantava, seguia adiante, tomava pancadas da vida e também feria outros com minhas escolhas erradas. Era uma existência marcada por excessos, superficialidade e vazio, mesmo quando por fora tudo parecia normal.

Mas Deus não me perdeu de vista.

Até que, um dia, me convidaram para participar de uma reunião numa casa. Havia uma mulher fazendo uma campanha de oração por causa dos filhos, que estavam envolvidos com drogas. Era uma reunião simples, numa casa comum, daquelas que muita gente talvez julgasse pequena demais para receber algo grandioso. Mas Deus não depende da imponência do lugar para manifestar Sua presença.

Eu fui.

Quando cheguei, não entrei logo. Fiquei do lado de fora, perto da janela. Observando. Meio desconfiado, meio curioso, sem imaginar que aquele seria o dia mais importante da minha vida.

A casa estava cheia. Havia irmãos reunidos, gente orando, gente buscando a Deus. Em certo momento, uma mulher começou a cantar. E foi ali que algo sobrenatural aconteceu diante dos meus olhos.

Eu vi.

Vi com meus próprios olhos uma espécie de nuvem branca saindo dos lábios daquela mulher enquanto ela cantava. Aquilo se movia pelo ambiente, pairava no ar, passava por entre as pessoas, como uma fumaça suave e viva. Eu via aquela névoa branca entrando de um lado, saindo do outro, circulando entre o povo. Não era imaginação. Não era emoção apenas. Eu vi. E, ao ver aquilo, comecei a sentir uma presença tão forte, tão diferente, tão santa, que algo dentro de mim começou a ceder.

Era como se o céu estivesse me dizendo: “Preste atenção. Eu estou aqui.”

Meu coração começou a se abrir, não pela lógica, mas pela realidade da presença de Deus. E, logo depois, veio o golpe final da graça.

Quando a mulher terminou de cantar, o pregador tomou a palavra e fez um apelo. Mas não era um apelo comum. Ele começou a falar de acontecimentos da minha infância. Coisas que ninguém ali conhecia. Coisas que eu nunca tinha contado àquelas pessoas. Coisas escondidas no fundo da memória, guardadas por toda a vida.

Ele disse que, quando eu era criança, Deus havia me livrado de morrer afogado.

Na mesma hora, a cena voltou inteira à minha mente.

Eu tinha cerca de quatro anos. Nos fundos da casa do meu pai havia um lago. Estavam aterrando aquele lugar, e eu, sozinho, fui até a beira. Comecei a empurrar a terra com os pés, imitando um trator. Criança faz isso: brinca sem medir o perigo. De repente, caí na água. Afundei. Eu me lembro daquele desespero infantil, daquela impotência. E me lembro também de algo que nunca consegui explicar humanamente: foi como se a água me empurrasse de volta para cima. Como se uma força me levantasse. Como se uma mão invisível me conduzisse até um toco na beirada, onde consegui me segurar e sair. Cheguei até minha mãe todo molhado, chorando, e ela me abraçou em choque.

Anos depois, naquele culto, aquele homem falou exatamente desse livramento.

Depois ele falou de outro episódio. Disse que, quando eu tinha sete anos, Deus me havia livrado de morrer atropelado.

E outra lembrança se abriu dentro de mim.

Eu voltava da escola com um colega, brincando na calçada. Em uma dessas brincadeiras, ele me empurrou, e eu fui lançado para a rua justamente quando vinha um carro em alta velocidade. O motorista conseguiu desviar de mim por um triz. Foi uma fração de segundo entre a vida e a morte. O susto foi tão grande que eu me urinei todo. Nunca esqueci daquela cena. Nunca.

E aquele homem, naquela reunião, disse isso diante de todos.

Ali não restava mais dúvida. Não havia explicação natural que sustentasse o que estava acontecendo. Deus estava falando comigo. Deus estava rasgando o véu da minha incredulidade. Deus estava me mostrando que, mesmo quando eu vivia longe, Ele já havia me guardado desde a infância. Eu não era um esquecido. Eu não era um acaso ambulante. Eu era um homem alcançado por misericórdias antigas.

Naquele instante, tudo desabou dentro de mim.

O pregador perguntou se eu queria aceitar Jesus. E, do lado de fora mesmo, com o coração já quebrado, eu respondi que já O havia aceitado havia muito tempo, mas que não sabia que Ele estava ali daquele jeito, tão real, tão presente, tão vivo.

Quando eu disse aquilo, fui tomado por um choro que não vinha só dos olhos. Vinha da alma. Um choro de reconhecimento. Um choro de rendição. Um choro de quem finalmente entende que não foi forte coisa nenhuma. Que não controlou nada. Que viveu anos inteiros sustentado por uma graça que nunca mereceu.

As pessoas vieram, me pegaram pelo braço e me levaram para dentro. Eu chorava como uma criança. Elas me abraçavam, oravam por mim, me cercavam com amor. Mas, naquela hora, eu já quase não percebia mais ninguém. Porque, acima de tudo, eu havia percebido a realidade da presença de Cristo.

Naquele dia, eu entendi que meu encontro com Jesus não começou naquele culto. Nem no quarto de hospital. Nem na minha juventude. Meu encontro com Jesus vinha sendo preparado desde a minha infância. Nos livramentos. Nos acidentes. Nas dores. Nas escolhas erradas. Nos desvios. Nos sofrimentos. Nas misericórdias escondidas. Em cada vez que eu escapei da morte sem saber por quê. Em cada vez que fui preservado mesmo vivendo sem temor.

Ele já estava lá.

Eu é que ainda não tinha entendido.

Hoje, quando me lembro dessa história, meu coração se enche de temor e gratidão. Porque percebo que Deus não desistiu de mim nem quando eu vivia como se não precisasse dEle. Ele me viu no lago. Ele me viu na rua. Ele me viu no carro quebrado. Ele me viu no hospital. Ele me viu nos vinte anos de distância. E, no tempo certo, me chamou pelo nome.

Foi um encontro surpreendente, sim.

Mas, para Deus, não foi surpresa nenhuma.

Era o dia que Ele já havia marcado desde o começo.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-2ce558ac-pt>

Quando Deus me tirou de mim mesmo

Testemunho: Samuel

Houve momentos na minha vida em que a dor parecia querer me definir. Não apenas a dor do corpo, mas aquela dor silenciosa que se infiltra na alma quando a gente se vê, mais uma vez, limitado, dependente, quebrado por dentro. Desde muito jovem, eu aprendi a conviver com sofrimentos físicos que voltavam de tempos em tempos como ondas pesadas, arrancando de mim forças, planos, autonomia e, muitas vezes, até a dignidade que eu tentava preservar diante dos outros.



Durante um acampamento, num retiro espiritual, enquanto caminhava com dor, carregando minha mochila e tentando suportar mais uma vez aquilo que parecia velho demais para ainda estar me perseguindo, senti meu coração se partir diante de Deus. Meus pés queimavam. Cada passo era um lembrete dos últimos anos de fascite plantar, da limitação, da fraqueza, da humilhação de precisar que alguém me ajudasse novamente. E não era orgulho. Era cansaço. Era o peso de uma

história inteira marcada por momentos em que meu corpo falhava e eu me via, outra vez, dependente da mão de alguém.

Ali, em silêncio e em lágrimas, eu falei com Deus como quem já não consegue mais esconder nada. Perguntei por quê. Perguntei por que aquilo voltava. Perguntei por que eu precisava passar por aquele tipo de dor outra vez. Perguntei por que, ao longo da vida, tantas vezes eu precisei ser reduzido à condição de quem não consegue seguir sozinho. E, no meio daquela angústia, Deus me respondeu de um jeito simples, mas profundo o suficiente para atravessar minha alma: eu precisava entregar a dor a Ele. Eu precisava parar de olhar para mim.

Essa resposta não veio como uma teoria bonita. Veio como confrontação. Porque a verdade é que, por muito tempo, eu tentei vencer a vida com os meus próprios braços. E ironicamente foram justamente os meus braços, durante tantos anos, uma das regiões mais marcadas pela dor. Eu tentei resistir, controlar, provar, compensar, superar, construir sentido com a força da minha vontade. Mas Deus estava me mostrando, mais uma vez, que não era sobre a minha força. Nunca foi.

Lembrei então de uma das fases mais difíceis da minha vida. Eu morava nos Estados Unidos, tinha alcançado o emprego que sonhava, e, no entanto, por trás de tudo aquilo, eu estava me destruindo em silêncio. Dizia sim para tudo. Assumia responsabilidades demais. Vivia para corresponder. Trabalhava além do limite. E pouco a pouco fui me afastando daquilo que realmente sustenta um homem: a presença de Deus no centro de tudo. Quando as dores vieram com força, não houve diploma, cargo, plano ou esforço mental que pudesse me salvar. Ouvi de médicos que eu não melhoraria mais. Voltei ao Brasil ferido, abalado, tentando encontrar alguma forma de continuar existindo com propósito.

Foi nesse deserto que nasceu em mim uma ideia quase desesperada: se eu não podia viver apenas para sobreviver à minha dor, então eu precisava transformar aquilo em alguma coisa que servisse para alguém. Pensei em desafios, em campanhas, em levantar recursos, em fazer da minha limitação um altar onde alguma utilidade pudesse nascer. E foi nesse processo que Deus começou a mover algo muito maior do que eu poderia imaginar.

Minha esposa, com a coragem silenciosa dos que amam de verdade, entrou comigo nessa loucura santa. Enquanto eu carregava limitações físicas e uma alma

ainda confusa, ela carregava também uma gestação, uma casa, uma família e, ainda assim, decidiu caminhar ao meu lado. Juntos, começamos a dar forma ao que mais tarde se tornaria o Clique da Esperança.

O que começou como uma tentativa de ajudar uma família se transformou em um rio de compaixão que alcançou muitas outras. Famílias feridas. Crianças doentes. Mães sem forças. Histórias que gritavam por socorro. E foi justamente ali, no meio da dor do outro, que algo começou a acontecer dentro de mim. Quanto mais eu olhava para quem sofria, menos eu era consumido pelo meu próprio sofrimento. Quanto mais eu estendia a mão, mais Deus curava em mim aquilo que médico nenhum tinha conseguido tocar.

Foi um dos maiores paradoxos da minha vida: eu ainda sofria, mas já não estava mais preso à minha dor. Meu corpo continuava carregando limites, mas minha alma começou a respirar liberdade. Havia dias difíceis, havia crises, havia tratamentos, havia cansaço. Mas havia também algo novo: sentido. E sentido cura coisas que remédio nenhum alcança.

Hoje eu entendo com mais clareza que Deus nunca desperdiçou nenhuma lágrima que derramei. Nenhuma crise. Nenhuma madrugada de angústia. Nenhum momento em que me senti pequeno, diminuído ou incapaz. Ele estava me ensinando que o sofrimento, quando colocado nas mãos certas, deixa de ser prisão e passa a ser instrumento. A dor pode nos afundar em nós mesmos, mas também pode nos quebrar o suficiente para que a compaixão de Deus transborde através de nós.

No acampamento, quando Deus falou ao meu coração que “não era sobre mim”, Ele não estava anulando a minha dor. Ele estava me libertando dela. Estava me mostrando que, enquanto eu ficasse girando em torno das minhas feridas, eu permaneceria aprisionado em mim mesmo. Mas, quando eu olhasse para o alto e depois para o lado, para o próximo, para o necessitado, para quem precisa de amor, de cuidado, de socorro, então eu começaria a entender o verdadeiro propósito de tudo.

Foi assim que meus pés deixaram de ser apenas pés feridos. Eles se tornaram lembrança de que, mesmo mancando, eu ainda podia caminhar em direção ao propósito. Foi assim que meus braços deixaram de ser apenas símbolo de

limitação. Eles se tornaram memória viva de que Deus não depende da força humana para realizar Sua obra. Foi assim que minha história deixou de ser apenas uma coleção de sofrimentos para se tornar testemunho.

Hoje eu sei que a maior cura que recebi não foi simplesmente física. A maior cura foi ser arrancado do centro da minha própria vida. Foi entender que existe algo mais poderoso do que perguntar “por que comigo?”: é perguntar “Deus, como isso pode servir a alguém?”. Quando essa chave virou dentro de mim, tudo começou a mudar.

Ainda existem dores. Ainda existem lutas. Ainda existem dias em que o corpo pesa e a alma precisa se recolher diante do Senhor. Mas agora eu sei que nenhuma dessas coisas tem a palavra final. Porque o propósito é maior. Sempre foi.

Se minhas feridas puderam abrir caminhos de compaixão, então elas não foram em vão. Se minhas limitações me ensinaram a depender mais de Deus, então elas não foram derrota. Se meu sofrimento serviu para me fazer olhar com mais amor para a dor do outro, então ele produziu fruto eterno.

Eu aprendi, entre lágrimas, passos doloridos, crises antigas e recomeços improváveis, que Deus não quer apenas me aliviar. Ele quer me transformar. E, ao me transformar, quer tocar outras vidas através de mim.

Por isso, hoje, quando olho para trás, já não vejo apenas o homem que sofreu. Vejo o Deus que sustentou. Vejo o Deus que corrigiu meu olhar. Vejo o Deus que me ensinou que fé não é ausência de dor, mas entrega em meio à dor. Vejo o Deus que me mostrou, de forma tão profunda, que a vida nunca foi sobre mim.

Era, e sempre será, sobre Ele. E sobre aquilo que Ele pode fazer através de um coração finalmente rendido.

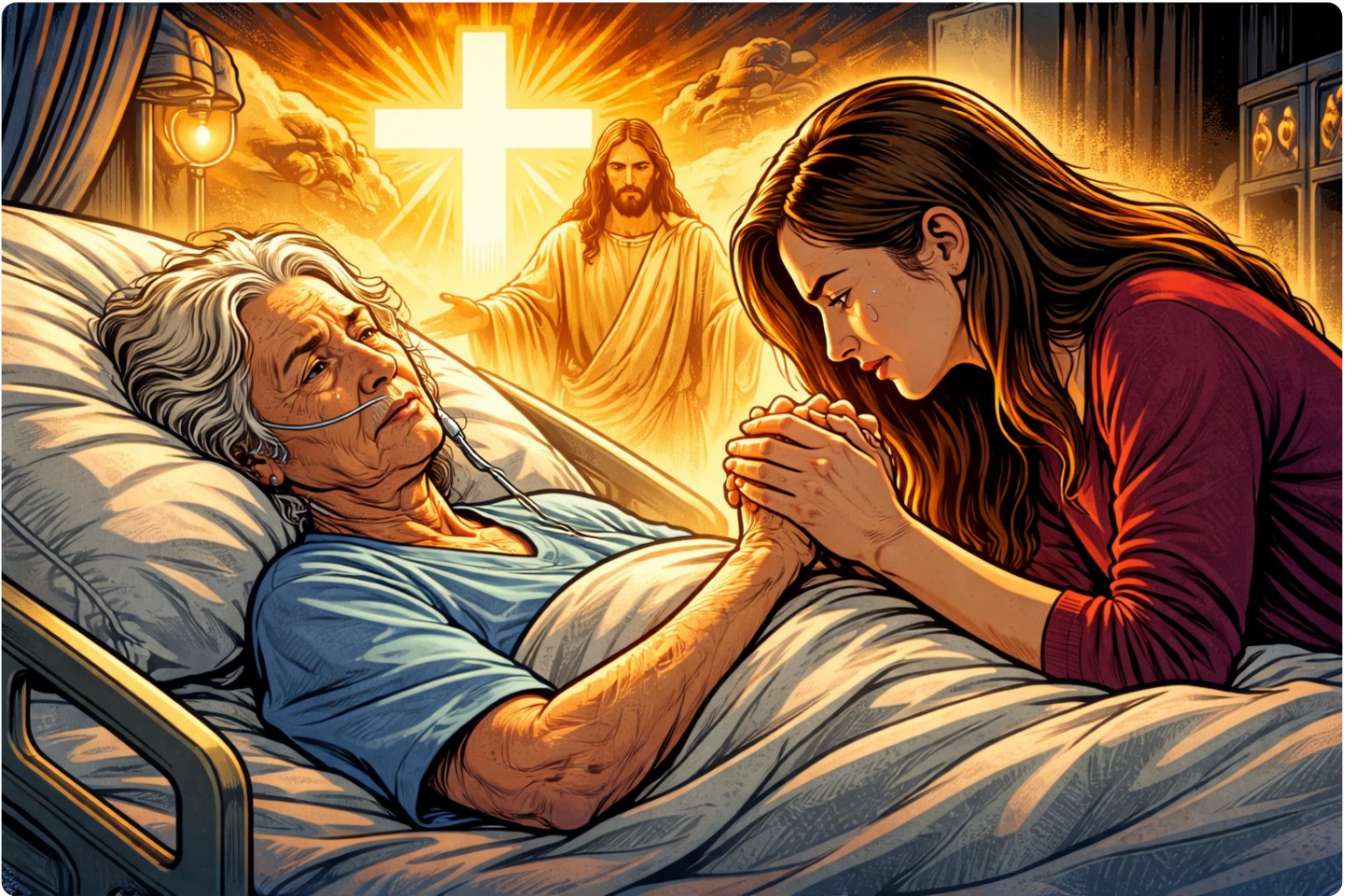
Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-db0a5518-pt>

Minha mãe precisava perdoar!

Testemunho: Marineide

Durante muito tempo, eu carreguei dentro de mim uma preocupação que nunca saiu do meu coração: minha mãe precisava perdoar.

Eu conhecia a dor dela. Conhecia a história. Conhecia as marcas que haviam ficado abertas por causa do que ela viveu com meu pai. Não era uma ferida pequena. Era daquelas coisas que atravessam anos, entram dentro da casa, da memória, das conversas, e acabam se misturando com a própria vida. Minha mãe era uma mulher maravilhosa, forte, marcante, mas tinha dentro dela essa mágoa que nunca foi embora de verdade.



Muitas vezes eu dizia:

“Mãe, perdoa.”

Eu falava do meu pai. Falava da outra mulher. Falava da necessidade de soltar aquilo. Mas ela sempre reagia com dureza. Era como se aquele assunto tocasse numa parte da alma que ela não aceitava abrir. E, quanto mais o tempo passava,

mais eu entendia que o problema não era só o que aconteceu no passado — era o que aquele passado continuava fazendo dentro dela no presente.

A falta de perdão vai se tornando uma prisão silenciosa.

Por fora, a pessoa continua vivendo. Fala, anda, trabalha, sorri em alguns momentos. Mas por dentro existe uma corrente prendendo tudo. A alma vai ficando apertada, endurecida, cansada. E eu sabia que minha mãe carregava isso. Eu sentia. Aquilo me entristecia profundamente, porque não se tratava apenas de um conflito familiar. Tratava-se da alma dela diante de Deus.

Então veio o dia em que tudo mudou.

Ela caiu. Quebrou o fêmur. Foi levada ao hospital. E, em poucos dias, a situação se agravou de tal forma que não houve nem condição de operar. Quando percebi a gravidade do que estava acontecendo, meu coração entendeu que o tempo havia ficado curto. Já não era mais hora de deixar para depois. Já não era mais hora de esperar uma ocasião melhor. Havia urgência naquela hora.

Eu fui visitá-la na UTI.

Ela já estava entubada, sem conseguir falar, com o corpo fragilizado, à beira da eternidade. Mas, mesmo naquele estado, eu sabia que ela ainda podia ouvir. E eu também sabia, no mais profundo de mim, que aquele não era apenas um momento de despedida. Era um momento espiritual. Era um momento de decisão. Era uma batalha invisível, porém real.

Aproximei-me dela e comecei a falar.

Falei de Jesus.

Falei de perdão.

Falei da necessidade de liberar aquilo que ela havia guardado por tantos anos.

E foi algo impressionante, porque toda vez que eu tocava nesse ponto, o corpo dela reagia. Ela se agitava. Os aparelhos mostravam alteração. Era como se aquela palavra mexesse justamente no lugar mais travado da alma. Eu percebia que havia uma resistência profunda ali. Não era um detalhe. Não era um assunto pequeno. Era uma guerra dentro dela.

Naquele instante, compreendi ainda mais claramente como o perdão não é algo superficial.

Perdoar não é dizer que não doeu.

Não é apagar a memória.

Não é chamar injustiça de coisa normal.

Perdoar é abrir mão de continuar carregando a ofensa como parte da própria identidade. E isso, muitas vezes, é uma das coisas mais difíceis que existem. Há dores que quase se tornam companhia. Há feridas que a pessoa alimenta tanto que já nem sabe mais viver sem elas.

Mas eu continuei falando.

Segurei sua mão. Pedi que ela me perdoasse também por qualquer coisa em que eu a tivesse ferido. E quando senti o aperto da mão dela em resposta, entendi que ainda havia comunicação, ainda havia entendimento, ainda havia uma porta aberta. Então insisti mais uma vez. Falei do meu pai. Falei daquela mulher. Falei da necessidade de perdoar para ser livre. Falei de Jesus como quem fala da última ponte antes da travessia.

E houve um momento que ficou marcado para sempre em mim.

Já estavam me mandando sair. O horário tinha acabado. Os aparelhos se alteravam. Eu fui em direção à saída, mas então minha mãe chamou meu nome. Naquele estado em que ela estava, ouvir aquilo foi algo fortíssimo. Voltei imediatamente. Peguei em sua mão de novo. Perguntei se ela queria dizer que perdoava.

Ela apertou minha mão com força.

Lágrimas escorreram dos olhos dela.

E naquele instante eu soube: ela havia perdoado.

Não houve discurso longo.

Não houve cenário bonito.

Não houve cerimônia.

Houve apenas um leito de UTI, uma alma no limite, uma filha insistindo em amor e a misericórdia de Deus visitando aquele quarto. O que aconteceu ali foi um milagre profundo. Talvez não o milagre que muitos procuram, de reverter o quadro físico, de restaurar os anos, de prolongar os dias. Foi um milagre ainda maior: Deus alcançou o coração dela.

Minha mãe foi curada por dentro.

O corpo já estava fraco. A vida terrena estava chegando ao fim. Mas Deus, em Sua bondade, ainda lhe concedeu aquele momento. Ainda lhe deu a oportunidade de soltar o peso. Ainda lhe abriu o caminho da reconciliação. E eu creio, com paz no coração, que minha mãe partiu para o Senhor reconciliada, lavada, alcançada pela graça.

Essa experiência me marcou de um jeito que nunca mais saiu de mim.

Porque eu entendi que o perdão não é opcional para quem quer viver com Deus. O perdão não é um conselho bonito. Não é uma sugestão para dias leves. O perdão é uma necessidade espiritual. Há coisas que só podem ser atravessadas quando o coração está livre. Há correntes que só se quebram quando a alma finalmente entrega a Deus o direito de julgar e escolhe não viver mais prisioneira da dor.

Eu também aprendi que o inimigo luta até o fim para manter a alma presa.

Ele tenta endurecer.

Tenta confundir.

Tenta alimentar a revolta.

Tenta impedir que a pessoa enxergue a verdade.

Mas a graça de Deus é maior.

Naquele leito, eu vi isso com clareza.

Vi que Jesus ainda salva.

Vi que Jesus ainda liberta.

Vi que Jesus ainda cura as áreas mais profundas do coração humano.

E vi que, mesmo nos últimos instantes, quando tudo parece estar se encerrando, Deus ainda pode escrever redenção.

Hoje, quando me lembro da minha mãe, não penso apenas na dor que ela carregou durante tantos anos. Penso também no alívio que Deus lhe deu no fim. Penso naquele aperto de mão. Penso nas lágrimas. Penso naquele momento em que o céu visitou um quarto de hospital e transformou um adeus em reconciliação.

Minha mãe precisava perdoar.

E, pela misericórdia de Deus, ela perdoou.

Talvez essa seja uma das maiores lições que eu já recebi: ninguém atravessa bem a última porta carregando pesos que deveria ter soltado antes. O perdão não muda o passado, mas muda a condição da alma diante dele. O perdão não apaga a cicatriz, mas tira dela o poder de governar o coração.

Por isso, toda vez que essa lembrança volta, ela volta como um chamado.

Perdoa enquanto há tempo.

Perdoa enquanto há voz.

Perdoa enquanto o coração ainda pode responder.

Perdoa, porque o perdão liberta quem oferece.

Perdoa, porque Jesus nos perdoou primeiro.

Perdoa, porque há travessias que só se fazem de mãos vazias.

E se existe algo que essa história deixou gravado em mim, é isto: para chegar em paz ao outro lado, muitas vezes o caminho tem um nome simples, duro e santo — perdão.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-4b0dc139-pt>

Deus me deu um carro!

Testemunho: Mario

Eu fiquei sem carro de uma hora para outra.

Não foi por escolha. Foi necessidade. As prestações já não cabiam mais no bolso, e eu precisei fazer um acordo com o banco e devolver o carro. Lembro-me da sensação daquele dia. Não era apenas a perda de um bem material. Para muita gente, carro é conforto. Para mim, era ferramenta de trabalho. Eu era técnico de máquina de costura. Como atender os clientes? Como me locomover? Como continuar trabalhando normalmente sem aquilo que, na prática, sustentava boa parte da minha rotina?



Foi então que fiz o que um filho faz quando já não sabe o que fazer: falei com Deus.

Disse ao Senhor que Ele conhecia minhas necessidades. Disse que sabia exatamente do que eu precisava. Não era luxo, não era vaidade, não era ambição.

Era necessidade. Era a vida prática batendo à porta, cobrando solução. E eu, sem enxergar saída, apenas coloquei diante dEle a minha aflição.

Naquele mesmo período, eu já havia compartilhado com os irmãos algo que havia acontecido dias antes. Um caminhoneiro, descendo pelas Imigrantes, precisava seguir por outro caminho para pegar a Bandeirantes e ir para o interior de São Paulo. Mas ele entrou errado. Errou a rota, passou pelo centro de Diadema e foi parar justamente em frente à minha loja.

Hoje eu sei que não foi erro. Foi providência.

Quando aquele homem entrou na loja, ele começou a falar comigo de uma forma que me deixou profundamente impactado. Disse que havia se perdido, que nem sabia por que tinha ido parar ali, mas que Deus tinha algo comigo. Falou em línguas, chorou, e então me disse com convicção que o Senhor iria me conceder aquilo que eu estava pedindo. Disse que, dentro de poucos dias, eu receberia uma grande surpresa.

Na hora, eu senti que aquelas palavras vinham de Deus.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Porque o Senhor sabia. Sabia da minha necessidade, sabia do meu aperto, sabia do silêncio das minhas preocupações. Eu precisava de um carro para trabalhar, para servir, para continuar em frente. Aquele homem não sabia da dimensão do meu problema, mas Deus sabia.

Ainda naquele dia, meu irmão Elinho estava comigo na loja. Um cliente me ligou pedindo que eu levasse algumas linhas para ele. Eu também vendia linhas e outros materiais. Mas, constrangido, precisei responder que não tinha como fazer a entrega.

— O senhor vai me desculpar, mas hoje eu não tenho condições de levar.

Quando ele perguntou por quê, eu respondi com sinceridade:

— Estou sem carro. Fiz um acordo com o banco e devolvi.

Do outro lado da linha, houve um silêncio curto. Coisa de poucos segundos. E então veio uma resposta que me deixou sem palavras.

Ele me disse para ir até uma agência de automóveis numa determinada rua e olhar o carro mais barato que tivesse lá. Mandou que eu verificasse se servia para mim e depois ligasse para ele.

Eu quase não acreditei.

Perguntei se ele estava falando sério. Perguntei se realmente estava dizendo que compraria um carro para mim. E ele respondeu com uma frase que nunca me saiu da memória:

— Com Deus não se brinca.

Depois desligou.

Contei ao Elinho o que havia acontecido, mas ele, como qualquer pessoa sensata naquela situação, duvidou. Disse que ninguém compraria um carro para mim daquele jeito. Disse que eu estava me iludindo. E, sinceramente, eu mesmo também não consegui acreditar por completo. Tanto que, no dia seguinte, nem fui ver carro nenhum.

Meu filho perguntou:

— Pai, o senhor foi ver o carro que o homem falou que ia comprar para o senhor?

E eu respondi que não. Disse que não acreditava que alguém fosse fazer aquilo por mim.

Mal terminei de falar, aquele homem apareceu.

Parou o carro em frente à loja e já desceu perguntando por que eu não tinha ligado, por que eu não tinha ido ver o carro. Fiquei sem graça. Disse que não tinha ido. Então ele falou:

— Vamos ver agora.

E nós fomos.

Começamos a rodar por lojas de carro. Subimos avenida, visitamos agências, conversamos com vendedores, analisamos opções. Mas nada dava certo. Não fechávamos negócio. O dia inteiro passou assim. No primeiro dia, nada. No segundo, tentamos de novo. Também não conseguimos. Ele só podia ficar até

meio-dia, porque era época de Copa do Mundo e o Brasil jogaria. Ainda assim, dedicou seu tempo àquela missão como se fosse algo dele.

No fim daquele segundo dia, ele teve uma ideia:

— Amanhã vamos à Ford. Seu carro era um Fiesta, não era? Vi uma promoção. Vou comprar um carro zero para você.

Eu achei aquilo grande demais. Grande demais para mim. Grande demais para ser real. Mas ele estava decidido. No terceiro dia, fomos à concessionária. Sentamos, ouvimos a proposta, parecia que, enfim, tudo daria certo. Só que, na hora final, apareceu uma taxa extra que não estava prevista. O homem se indignou. Disse que, se o preço não fosse exatamente o da promoção, não faria negócio.

E não fez.

Voltamos sem carro outra vez.

Era fim de tarde quando chegamos à loja. Meu filho então comentou que um homem havia passado por ali dizendo que tinha um carro à venda na rua Orense e perguntou se eu não queria dar uma olhada. Quando ouvi o nome da rua, algo acendeu dentro de mim. Era justamente a rua que aquele cliente tinha mencionado no primeiro telefonema. A rua que, por algum motivo, não tínhamos procurado antes.

Fomos para lá.

Quando chegamos, vimos no fundo uma Paraty bonita, bem cuidada, lavada, com os vidros verdes. Um carro simples, mas muito bom. Olhei e gostei. Chamamos o dono. O homem que estava me ajudando fez uma proposta direta: daria um cheque para quinze dias no valor de R\$ 1.500,00 e mais dois cheques de R\$ 1.000,00 para completar os R\$ 3.500,00 pedidos.

O vendedor aceitou.

Eu saí de lá dirigindo aquele carro.

Até hoje, quando me lembro disso, meu coração se comove. Porque Deus não apenas abriu uma porta. Ele conduziu cada detalhe. Usou um caminhoneiro perdido para entregar uma palavra. Usou um cliente para se tornar instrumento

de provisão. Usou dias de tentativas frustradas para me levar exatamente ao carro que já estava separado para mim.

E o mais bonito de tudo veio depois.

Nos dias seguintes, Deus abençoou tanto as vendas da loja que eu mesmo consegui cobrir todos os cheques. O homem não precisou pagar nenhum deles. Ele foi usado por Deus como instrumento, como ponte, como resposta. Mas o próprio Senhor me deu condições de assumir aquilo que havia chegado às minhas mãos.

Foi um presente e, ao mesmo tempo, uma lição.

Porque Deus sabe o que faz.

Às vezes, Ele não entrega da forma como imaginamos. Às vezes, parece que o caminho está se enrolando, que as portas estão fechando, que nada acontece. Mas, enquanto pensamos que estamos andando em círculos, Deus já está alinhando pessoas, ruas, telefonemas, atrasos, recusas e encontros para nos conduzir exatamente ao lugar certo.

Aquela experiência não ficou gravada em mim apenas por causa do carro. Ficou porque vi o cuidado de Deus de forma concreta. Vi que Ele conhece a necessidade real dos seus filhos. Vi que Ele continua no controle quando tudo parece incerto. Vi que Ele move pessoas, circunstâncias e tempos de um jeito que ninguém conseguiria planejar.

Já se passaram muitos anos desde então. Aproximadamente vinte e cinco. E até hoje eu não deixo de orar por aquele homem e pela família dele. Toda vez que dobro meus joelhos, lembro-me dele. Lembro-me do bem que me fez. Lembro-me do instrumento que Deus levantou para me abençoar. A esposa dele já faleceu. Um dos filhos também. E eu continuo orando por ele. Não por obrigação, mas por gratidão. Gratidão sincera, dessas que o tempo não apaga.

Há bênçãos que a gente recebe e nunca esquece.

Há gestos que vêm do céu por meio de mãos humanas.

Há provisões que não alimentam apenas o corpo ou resolvem apenas um problema prático; elas fortalecem a fé.

Aquele carro me ajudou a trabalhar, sim. Mas, mais do que isso, aquele testemunho me ensinou a depender ainda mais de Deus. Ensinou-me que o Senhor cuida de mim com delicadeza. Que Ele sabe que sou sensível, que sou um homem que chora, que se derrama diante dEle, e que justamente por isso me trata com uma ternura que só um Pai perfeito poderia ter.

Hoje, olhando para trás, não vejo apenas um homem que perdeu um carro e depois conseguiu outro. Vejo um filho sendo lembrado por Deus em sua necessidade. Vejo o cuidado divino entrando pela porta de uma loja em forma de palavra profética, depois em forma de telefonema, depois em forma de insistência, e finalmente em forma de provisão.

Quando Deus quer fazer, Ele faz.

Ele continua acima de tudo. Continua tendo o controle de todas as coisas. Continua sabendo o que realmente precisamos. E continua chegando na hora certa, ainda que, aos nossos olhos, pareça que está demorando.

Por isso, se este testemunho alcançar alguém que hoje esteja aflito, sem saber como resolver uma necessidade concreta, sem enxergar saída para um problema que parece simples para os outros, mas gigante para si, eu gostaria de deixar esta lembrança: Deus vê. Deus sabe. Deus cuida. E, quando Ele decide agir, ninguém pode impedir.

Tudo é dEle.

Tudo vem dEle.

Tudo é para a honra dEle.

E eu nunca mais me esqueci disso.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-e2280f69-pt>

Participe conosco!

Participe do grupo de WhatsApp do GodMakes e visite o site para acompanhar novidades, estudos bíblicos de cada capítulo e livro da Bíblia, conhecer as missões que apoiamos, contribuir e também ler novos livros.

Escaneie o QR Code para entrar no grupo devocional:



Link do grupo devocional no WhatsApp:

<http://tiny.cc/devocional>

Site: <https://godmakes.com>